



Jornalismo de bordas: a transgressão no processo produtivo do jornalista João Antônio

Luis Fernando Assunção

Resumo: O jornalismo apresenta uma narrativa peculiar resultante de um processo de técnicas e rotinas processuais nos ambientes de produção. Essas rotinas aos poucos foram nivelando e pasteurizando as narrativas a ponto de sufocar o próprio feitiço da reportagem. Mas, em muitos momentos, os jornalistas conseguiram subverter essas técnicas e mesmo rotinas, fortalecendo um estilo jornalístico diferenciado, onde a história e o personagem são mais importantes do que o próprio formato tradicional dos textos. Este trabalho analisou textos do jornalista João Antônio, que ao longo de sua carreira subverteu as regras e as rotinas através de um fazer jornalístico a partir das bordas, das margens sociais e das margens das teorias jornalísticas de escolha da notícia. A esse jornalismo, este trabalho denomina de jornalismo de bordas.

Palavras-chave: Jornalismo de bordas. Jornalismo e literatura. Crítica genética. Processo produtivo jornalístico.

1. Jornalismo de bordas

A borda se refere ao extremo ou margem de algo. É um confinamento no qual se verifica um limite, o perfil ou figura que fecha uma forma configurando-a e estabelece o deslinde entre esta e seu entorno adjacente, gerando um fecho perimetral. A borda, mais do que uma periferia, é uma franja, uma área ou espaço existente e produtor. O espaço de borda se

percorre com a consciência de estar em um espaço diferenciado que encerra um lugar ou que separa áreas diferentes, que ficam lateralizadas pelo percurso.

Para dialogar um pouco com os conceitos de bordas, pode-se tomar como exemplo o espaço público. Michel De Certeau (2007) supõe a existência de uma imposição de forma sobre a qual opera a ação do indivíduo que segue trajetórias no espaço tecnocraticamente construído. Este espaço, normatizado, fica exposto à ação que o articula o que, para Certeau, é “uma tática, um álibi do sujeito. A tática se explica por sua diferença em relação à estratégia; na estratégia há cálculo em um contexto de relações de forças, o indivíduo se circunscreve em um lugar de poder, se situa em um lugar próprio que lhe serve como base para o manejo de suas relações com uma exterioridade distinta”.

No caso da tática não há lugar próprio, nem portanto fronteira que o distinga de outro como uma totalidade visível, não dispõe de uma base onde capitalizar vantagens. A tática, à diferença da estratégia, é fragmentária e oportunista, é parcial e deslocalizada. Muitas das práticas cotidianas são de tipo tático, sustenta Certeau, que vê em particular que as práticas táticas se multiplicam com o desmoronamento das estabilidades locais como se, ao já não estarem fixadas por uma comunidade circunscrita, se desorbitam errantes.

Delgado (1999), por sua parte, trabalha o espaço público como o âmbito por antonomásia do jogo, quer dizer da alteridade generalizada. Nesse âmbito se produzem deslizamentos e bifurcações “cujos protagonistas já não são comunidades coerentes, homogêneas, entrincheiradas em sua quadrícula territorial como atores de uma alteridade que se generaliza, passantes à deriva, dissimuladores natos, peregrinos eventuais, viajantes de ônibus, citados à espera que definem consensos sobre a marcha”. O espaço público é proposto como “uma proximidade do espaço social e pessoal, uma ecologia do pequeno grupo com suas relações formais e informais, suas hierarquias, marcas de sujeição e domínio, seus canais de comunicação que determinariam territorialidade. Territorialidade como identificação dos indivíduos com uma área que interpretam como própria, e que se entende que deve ser defendida de intrusões, violações ou contaminações”. O cidadão deslocado e nômade da

cidade contemporânea se identifica com a indeterminação das bordas, nas quais recupera pertinência e legitimidade.

Deleuze e Guattari (1997) permitem pensar a diferença e a multiplicidade que se intui infundem o espaço público e que brindam a potência de uma inerente projetualidade do público. O espaço público pode ser pensado pelo eventual do rizoma do comportamento social e seus processos aleatórios. A ação social se expressa como atividade no espaço público, melhor ainda, como desenvolvimento de atividades que como descargas pulsionais de corpos e objetos, dispositivos e mecanismos, organizações e processos gerando concentrações mais ou menos focalizadas ou fluxos nem sempre governáveis nem previsíveis. As atividades no espaço público são desestabilizadoras, introduzindo uma temporalidade selada por acelerações, desacelerações, corrimentos, espessamentos, etc.

O conceito de território, por sua parte, é trabalhado pelos autores tanto em um sentido afirmativo, como lugar da distância crítica entre os seres da mesma espécie com as quais se assegura e regula a coexistência dos membros de uma mesma espécie como que também faz possível a coexistência de um máximo de espécies diferentes em um mesmo meio, especializando-o. Este território está indicializado, está marcado, tem expressão. Mas também o território é contado em sua dissolução, quando opera na mesma linha de fuga que o desterritorializam, quando ocorre um movimento de abandono de toda regularidade, de quebrantamento da estabilidade. Esta desterritorialização produz diferença e se experimenta como intensidade da transferência, como efeito de vetores que operam em um campo.

2. Jornalistas das bordas

Os pobres e miseráveis, as bordas ou as franjas da sociedade, não são pautas frequentes no jornalismo. Mas alguns jornalistas quebraram essa regra e decidiram que a parte marginalizada da sociedade deveria sim aparecer em jornais e revistas como uma parte necessária e digna de ser mostrada a todos. E eles foram, deliberadamente ou não, os fundantes do chamado jornalismo de bordas, que é defendido neste trabalho como um campo

do jornalismo de referência. Talvez um dos primeiros jornalistas a se interessar por esse tipo de escrito tenha sido o dinamarquês-americano Jacob August Riis. Ainda no século 19, Riis escreveu “How the Other Half Lives: Studies among the Tenements of New York” (1890), onde mostrava a vida nos cortiços da Nova Iorque vitoriana entre fotos e reportagens.

Riis foi muito provavelmente o primeiro jornalista no mundo a tratar as questões sociais nas páginas de jornais, dando voz a pobres e miseráveis marginalizados econômica e socialmente do restante da população. Com suas reportagens escritas e fotográficas, Riis conseguiu mudar uma realidade social em Nova Iorque, através da implementação de uma lei federal que retirou essas pessoas da miséria e, no local dos cortiços foram construídos parques e praças para convívio de toda a sociedade. Riis também foi fotógrafo e um dos primeiros nos Estados Unidos a utilizar o *flash* em suas fotos.

Repórter de rua, Riis descobriu a outra face social de Nova Iorque a partir de suas reportagens policiais para o *New York Tribune*. Impressionado com a péssima qualidade de vida nas favelas e cortiços da cidade, Riis optou por passar a escrever reportagens onde colocava em primeiro plano os miseráveis, sem esquecer da dignidade e sensibilidade dessas pessoas. Esse tipo de escrito chocou a sociedade da época mas serviu para os políticos perceberem a necessidade de mudanças. Theodore Roosevelt influenciou-se tanto com as reportagens de Riis, quando ainda era diretor do Conselho de Comissários do Departamento de Polícia de Nova Iorque, que acabou se tornando amigo pessoal do jornalista.

Durante o período como repórter policial, Riis trabalhou nas favelas mais violentas e empobrecidas da cidade. Através de suas próprias experiências nos asilos, e testemunhando as condições das pessoas, muitas delas imigrantes, esquecidas da cidade, Riis decidiu que seu jornalismo seria instrumento para mostrar e, de alguma forma, ajudar a essas pessoas. O jornalista desenvolveu um estilo de narrativa descritiva e melodramática, sem perder a sensibilidade e a elegância, e se tornou assim um dos primeiros jornalistas de bordas que se tem conhecimento.

“How the Other Half Lives: Studies among the Tenements of New York” surgiu a partir de uma reportagem de 18 páginas feita por Riis para a edição de Natal da Revista

Scribner, em 1889. Na reportagem, ele incluiu 19 de suas fotografias. Empolgado com a receptividade, Riis passou a escrever o futuro livro durante as noites de folga do trabalho de repórter. Um ano depois o livro foi publicado, reutilizando o trabalho impresso nas páginas da revista com o acréscimo de informações e fotos sobre o tema. Foi, possivelmente, o primeiro livro-reportagem que se têm notícia na imprensa mundial. Dois anos depois, Riis publicou “Children of the Poor”, retratando a infância perdida de dezenas de crianças filhas de imigrantes pobres de Nova Iorque.

Passou-se quase 40 anos para que Riis tivesse um sucessor de seu jornalismo de bordas. No verão de 1936, durante a Grande Depressão norte-americana, o escritor e jornalista James Rufus Agee, junto com o fotógrafo Walker Evans, passou oito semanas vivendo com meeiros no Alabama. A reportagem, originalmente encomendada pela *Fortune*, deveria mostrar o dia a dia de “brancos pobres” que sobreviviam contratados para as plantações de algodão da região. Agee foi além disso. Mostrou com textos sensíveis e informativos as dificuldades de um grupo ignorado (brancos e negros) não apenas pela imprensa, mas especialmente pela sociedade.

A direção da *Fortune* recusou-se a publicar a reportagem, pela crueza das informações e implicações políticas e econômicas envolvidas no tema. Agee se demitiu da revista sem ver impressa a sua grande reportagem. Ele então decidiu transformar o material em um livro. O resultado foi “Let Us Now Praise Famous Men”, publicado em 1939 e só lançado no Brasil em 2009 sob o título “Elogiemos os homens ilustres”. O livro vendeu apenas 600 cópias apenas na primeira tiragem. Posteriormente, Agee publicou outras obras, entre elas o romance autobiográfico, “A Death in the Family”, em 1957, pelo qual recebeu postumamente o prêmio Pulitzer, em 1958.

A reportagem de Agee e Evans se enquadra no conceito que este trabalho formula como jornalismo de bordas. Os jornalistas propuseram uma grande reportagem para mostrar um segmento social que até então não era notícia nas publicações norte-americanas. A dupla acompanhou três famílias de arrendatários de colheitas de algodão, mostrando suas péssimas condições de vida, a pobreza, os modos de vida, os rostos magros e cansados, adultos e

crianças amontoados em barracos improvisados. Mas acima de tudo os textos e fotos destacam a dignidade humana apesar de tudo.

Agee se propôs a ampliar o material assim que percebeu a realidade do lugar. O que era para ser uma simples reportagem para uma revista se transformou em um tratado contra a pobreza extrema. O livro, que poderia estar enquadrado no gênero livro-reportagem, apresentou um quadro profundo, preciso e minucioso sobre as condições de vida daquelas pessoas no Alabama. Agee criou um retrato permanente de um segmento invisível da população americana. A obra chegou a ser definida como antropológica cultural, romanesca, poética. Mas se traduziu como um belo exemplo de reportagem bem escrita, emoldurada pelas 61 fotos de Evans, duramente reais e poéticas.

Agee e Walker fizeram escola no jornalismo norte-americano. Muito provavelmente se possa colocar nessa influência o *New journalism* de Talese, Capote e Mailer. Ou mesmo as reportagens da revista *Realidade*, que oxigenaram o jornalismo brasileiro na década de 1960. Mais do que jornalismo alternativo, engajado ou qualquer conceito que o valha, Agee e Walker realizaram um jornalismo de bordas. James Agee mostra a rejeição do *status quo* da sociedade em relação aos miseráveis, aos desvalidos, aos que não têm vez. Agee não critica e nem repreende o estilo de vida das pessoas. Ele se insere em suas vidas, como intruso ou não, para mostrar a sua visão de mundo. Com isso, respeita a sua dignidade, e mostra com sensibilidade e honestidade a miséria humana.

Tentativas semelhantes para mostrar a dignidade humana dos meeiros aparecem ao longo da obra. Por exemplo, quando Agee descreve os níveis de educação das pessoas: ele evita caracterizações de incultos ou ignorantes. Em vez disso, ele assume uma postura mais objetiva, mencionando a quantidade de educação formal de cada personagem tem recebido e as capacidades mentais de cada um. Este mesmo esforço para respeitar a dignidade humana destes inquilinos se reflete nas fotografias de Walker Evans. Embora Evans não faça nenhuma tentativa para fazer os meeiros parecerem uma família de classe média, as fotos exalam uma dignidade inerente ao ser humano. Os esforços de Agee e Evans para apresentar os seus temas com dignidade é um indicativo de uma nova maneira de olhar o mundo. “Let Us Now

Praise Famous Men” ilustra mudanças nas noções fundamentais que determinam o pensamento e o comportamento humano. E influenciaram sobremaneira a forma de se fazer jornalismo.

Ao optar por utilizar em seus escritos personagens desgarrados da sociedade, como sem-tetos, sinuqueiros, mendigos, bêbados e boêmios das bocas de lixo das grandes cidade, o jornalista João Antônio fortaleceu o conceito de jornalismo de bordas. Bordas aqui descritas como aquilo que fica na faixa de transição entre a margem e o centro, - naquilo que Ferreira (1990) diria como “exclusão do centro” –, tirando do termo a conotação marginal ou alternativa que costuma estar carregada de qualquer representação que esteja fora dos limites do centro. Trazendo para o jornalismo, as bordas buscadas por João Antônio caracterizam uma escritura nem sempre valorizada pelos medias, como o personagem joão-ninguém que perambula pelas ruas e não se enquadra nas pautas tradicionais de jornais ou revistas.

João Antônio adotou um tipo de apuração e escrita afeita ao jornalismo de bordas. Isso está caracterizado desde a sua maneira de apurar junto às fontes desde a escolha de seus personagens e reportagens. No processo produtivo jornalístico, a saber o diário, não há espaço para valorização do desigual, do periférico. A construção da notícia se dá por escolhas do editor ou do pauteiro sobre o melhor assunto a ser tratado. As bordas, nesse caso, equivocadamente, sempre são mostradas quando estão relacionadas com violência. As bordas propostas por João Antônio são diferenciadas: representam a história humana, a valorização da vida.

3. O jornalismo de bordas de João Antônio

Embora estivesse inserido nas rotinas de produção – no ambiente da redação, no levantamento de dados para a composição de matérias, na edição final – João Antônio não se inseriu completamente nos processos convencionais de escolhas de notícias e personagens. Assim como a maioria dos jornalistas do universo da *Realidade*. O que não era acontecimento pautável para jornais e revistas transformava-se em capa na revista. Como a

descrição de um parto e o sofrimento da mulher ao ter um filho. Ou passar alguns dias perambulando pelo cais do porto para contar em detalhes a prostituição, as brigas, os amores, a rotina das ruas próximas ao cais do porto. A vida dos personagens que faziam a dinâmica do cais foi exposta em uma reportagem de seis páginas na *Realidade*.

Para chegar às bordas, João Antônio utilizava experiências novas do fazer textual no jornalismo. Trata-se de duas tendências narrativas em que o elemento literário é peça decisiva na produção jornalística: o *New Journalism* e o romance-reportagem brasileiro dos anos 1960/1970. Em “Um dia no cais”, ocorre o diálogo com tais tendências. O autor propaga um ideário de criação jornalística muito próxima dos ditames textuais das duas experiências.

De longe em longe, uma locomotiva a óleo diesel apita, modorrenta, e vem furando para as luzes na zona do cais:

- Êpa!

Um menino branco se esforça, sobre do selim para o cano, mete os peitos contra o guidão, se enverga, equilibra a sacola na bicicleta e corta de fininho o cais. Vai que vai embora. Está quase sozinho com as luzes no comprimento dos paralelepípedos, gozando nas curvas. O menino mais o seu calção e a sua japona, seu cabelo cortado rente, sua companhia, trim-trim nas esquinas que atravessa. (JOÃO ANTÔNIO, *Realidade*, nº 30, setembro de 1968, págs. 98 a 112)

O texto de João Antônio sempre esteve permeado com características como a documentalidade do real, o forte apelo verificável e o grande impacto impressionista. Notam-se narrativas que entrecortam nuances de uma realidade social sufocada, degradada, por vezes. Os narradores e personagens se autoflagelam na ânsia em mudar a trágica vida que os rodeia. O retrato documental de tais cenários evidencia uma busca pelas bordas. Do ponto de vista semiótico, mostra a criação de camadas a partir das realidades vista nas ruas, passando para o tratamento textual que vagueia entre o jornalismo e o literário e chega na camada de interpretação, onde o leitor tem acesso à uma verve diferenciada do padrão jornalístico produtivo vigente.

O *New journalism* por vezes muito tentou essa quebra de ruptura entre o a rotina produtiva e o experimentalismo. Exemplos? “A Sangue Frio”, de Truman Capote, “Um Tiro na Lua”, de Norman Mailer. Talvez a diferença esteja na concepção de

retrato-reportagem-crônica proposta por João Antônio, inclusive em “Um dia no cais”. A reportagem adquire faceta documental-jornalística na ligação do repórter com o cronista e seus personagens. João Antônio percebeu que a linguagem ascética dos jornais não servia para descrever a vida das ruas, assim como seu estilo supostamente coloquial desprezava a fala do povo. Para ele, o texto jornalístico e a própria estrutura industrial da grande imprensa, que a tornava solidária com os interesses da classe dominante, impediram essa aproximação com a realidade brasileira.

Foi essa uma característica incorporada ao jornalismo brasileiro há muito tempo. Traquina (2005) lembra que o campo jornalístico começou a ganhar forma nas sociedades ocidentais, durante o século 19, com o desenvolvimento do capitalismo e, concomitantemente, de outros processos que incluem a industrialização, a urbanização, a educação em massa, o progresso tecnológico e a emergência da imprensa como *mass media*. As notícias tornaram-se simultaneamente um gênero e um serviço; o jornalismo tornou-se um negócio e um elo vital na teoria democrática; e os jornalistas ficaram empenhados num processo de profissionalização que procurava maior autonomia e estatuto social. (TRAQUINA, 2005).

A tentativa de fusão entre jornalismo e literatura permanece até o fim de sua trajetória jornalística, em meados da década de 70 – depois João Antônio voltou como cronista, contista, articulista e, por vezes, freelancer. Percebe-se que o jornalismo é, para João Antônio, elemento de práxis textual e, também, de reflexão sobre sua atividade, com tendências textuais que rodeiam a interface entre a narrativa jornalística e o confeccionar da ficção. Há um esforço de João Antônio em minar alguns paradigmas do jornalismo da época, como a objetividade, por exemplo. Talvez isso possa se explicar pelo que Meditsch (1992) chama de singularidade do jornalismo, ou seja, a construção de uma notícia parte de uma singularidade, de um específico, para depois se generalizar e ser capaz de situar o fato no tempo e na história.

Outro diferencial da práxis de João Antônio em relação ao *New Journalism* é a proposta de uma espécie de ruptura, no qual o jornalismo deve estar alicerçado pelo

elemento da investigação aguda da realidade. “Acho, sim, que os meios de obter informação, de ir lá, revirar a lata de lixo que é a nossa sociedade, este sim, pode até ser um procedimento jornalístico (desde que em suficiente profundidade). Mas os meios de fazer, não podem parar na técnica jornalística”.

Ao se retratar como puro tradutor objetivo do acontecimento, o jornalista constrói o *status quo* do processo produtivo jornalístico. Como jornalista de bordas, João Antônio salientou que a imersão social, em seus caminhos tortuosos, seria o objeto a ser percorrido pela sua caneta. Assim, o modelo paradigmático do *New Journalism* tem profunda similaridade com o que prega mas não seria a mesma coisa. “A não ser que ela (reportagem) renove, tome caminhos outros, crie e recrie em cima do real bruto e imediato”.

João Antônio percorreu caminhos menos óbvios e formou outras camadas no que Henn (2012) definiu como “acontecimento no campo do sensível”. É possível pensar em camadas de acontecimento e de suas narrativas para além e aquém da vocação referencial do jornalismo. Tradicionalmente, o acontecimento estaria vinculado àquilo que se entende como mundo real, via de regra situado no campo da singularidade. Entretanto, há entrelaçamentos da cultura e da dimensão qualitativa dos signos que podem colocar o acontecimento e suas narrativas em outros níveis. “As narrativas do acontecimento podem revelar camadas menos óbvias e propiciar fruições em nível qualitativo”. (HENN, SALLET, 2012).

Para Bulhões (2007) a prática da reportagem, como na de João Antônio, ocorre como uma ferramenta de apreensão de seu universo específico, corrosivo, a trabalhar com aspectos, também muito específicos, de atividade jornalística. Operando com o documental circunstanciado, a escrita literária de João Antônio é também jornalismo. Trata-se, é claro, de um modo *sui generis* de jornalismo, pois opta por uma atitude de imersão na realidade com a qual depara ao se contagiar com a linguagem do excluído.

Há que se salientar a natureza da estratégia de produção textual de João Antônio, a partir dessa imersão nos personagens das bordas da sociedade. Para Van Dijk (1990), há dois componentes da memória que distingue os patamares textual e situacional, que pode encaixar perfeitamente no processo joãoantoniano de escrita: uma memória episódica ou

peçoal e uma memória social. A primeira é uma memória de descodificação, processamento e interpretação de *inputs sensoriais*, a parte da memória que reúne crenças sobre existências concretas (fatos, eventos, situações) em que participamos, que testemunhamos ou recebemos pelos discursos de outros. A memória social, também designada de memória semântica, reúne conhecimentos gerais, atitudes, ideologias, normas e valores que partilhamos com membros dos grupos, organizações ou culturas a que pertencemos.

4. Considerações finais

O jornalista e escritor João Antônio preferiu um caminho menos convencional para praticar o seu jornalismo. E a palavra transgressão é a que melhor se encaixa para definir esse caminho. Portanto, o jornalista se utilizou de um jornalismo de bordas para transgredir de alguma forma as técnicas e as regras jornalísticas até então em vigor. É claro, no entanto, que essa informação é trabalhada a partir de probabilidades e não com certezas. Uma probabilidade pode indicar uma tendência, não uma realidade. Aponta-se para essa tendência a partir de um estudo feito no acervo do jornalista, em suas anotações, em seus arquivos, em seus rascunhos.

Este trabalho partiu do pressuposto que seria possível extrair uma nova matriz de gênero jornalístico ou de um conceito de fazer jornalístico – a saber o jornalismo de bordas – ou pelo menos de um dado momento das escrituras e do trabalho do jornalista João Antônio, considerando seus rastros do processo deixados. Porém, a matriz atingida por esse trabalho não se propõe nem global nem concludente, sequer parcialmente. Ela é mais caracterizada pela virtualidade: aplica-se ao corpus observado, mas nada garante que se mantivesse se o estudo ou pesquisa fosse outro, ou sobre outro autor ou jornalista, embora seja possível afirmar que haveria, sim, pontos de convergências.

Do conjunto da pesquisa, ficam pontos, conclusivos ou não, que podem servir como tendências no estudo de processos jornalísticos. Também é possível afirmar, com certo grau de certeza, que este estudo poderá contribuir para futuras pesquisas no campo jornalístico, visto que ainda escasseiam tentativas de estudos e percepções do processo de criação e

produção no jornalismo à luz da análise dos rastros deixados pelo jornalista ao longo de seu trabalho. Algumas aferições podem ser enumeradas a partir deste trabalho:

1. Conceito de jornalismo de bordas. A partir das bordas no conceito entre o limite do regrado e desregrado, em relação às fontes, além de uma noção transgressora de técnicas e rotinas tradicionais, o práxis de João Antônio ajudou a fortalecer o jornalismo de bordas em seu processo produtivo. Isso pode ser constatado desde a apuração junto às fontes até a característica de suas reportagens e personagens. No processo produtivo jornalístico, especialmente o diário, não há espaço para valorização, a partir da pauta, do desigual, do periférico, do não-sensacional. A construção da notícia se dá por escolhas a partir do editor ou do pauteiro sobre o melhor assunto a ser tratado. As bordas, nesse caso, equivocadamente, sempre aparecem quando estão relacionadas com violência, morte, preconceito. As bordas de João Antônio são diferenciadas. São representantes da história humana, da valorização da vida, da constatação impertinente que a vida desregrada é pulsante nessas bordas. Não se reduz ao simples narrar histórias de interesse humano contidas nos cânones jornalísticos. Neste trabalho, o conceito de jornalismo de bordas caracteriza o jornalismo feito nas franjas sociais, nas margens, de onde João Antônio é, talvez, o maior exemplo brasileiro desse tipo de jornalismo.

2. Transgressão de métodos e processos. Por privilegiar a escolha de personagens das bordas sociais e jornalísticas, João Antônio trouxe para a prática jornalística, a saber, o jornalismo impresso, personagens ignorados nas pautas tradicionais, em função de os mesmos não se adequarem aos preceitos estabelecidos de critérios de escolha dos medias. Com isso, o jornalista introduziu o mendigo, o sem-teto, o malandro nas notícias diárias dos jornais e revistas, como se estes fossem definitivamente o “gancho” para uma matéria jornalística. João Antônio pode ser considerado um transgressor – à sua maneira e guardadas as limitações que esse termo tem nesta pesquisa – porque subverteu técnicas tradicionais do jornalismo, regras essas que legitimam o processo de produção jornalístico a partir do *modus operandi* repetido há décadas no jornalismo, tais como critérios de escolha das notícias, estruturação

textual e da narrativa (pirâmide invertida como regra), objetividade, definições de pautas, processos de edição, entre outros.

3.Prevalência da autoria. A profissionalização do fazer jornalístico baseado em premissas como objetividade e neutralidade, especialmente no desenvolvimento do jornalismo moderno entre os séculos 19 e meados do 20, incorporou a adoção do anonimato no que diz respeito a assinaturas de textos jornalísticos. A reação contra o anonimato no jornalismo se deu basicamente nos momentos em que as reportagens passaram a ter autorias, ou seja, passaram a ter as características e traços do autor. Notadamente durante o *New journalism* norte-americano e o *Testimonio* latino-americano, que defendiam o jornalismo autoral e maior adoção da subjetividade em seus relatos. Na prática a proposta era, através de uma maior frequência de publicações de narrativas assinadas, propor uma mudança no regime geral de auto-legitimação de informação – reforçando o papel legitimador da autoria publicamente assumida. Na revista *Realidade* essa tendência é claramente percebida, através da publicação de textos estritamente autorais, com assinatura e características do autor. Eram textos marcados por uma significação e legitimadores de uma mudança de postura na prática jornalística. É possível afirmar que, décadas depois da mudança nos padrões de autoralidade no jornalismo, agências e publicações periódicas de notícias passaram a adotar a necessidade de assinaturas em suas matérias. É certo afirmar, portanto, que não apenas João Antônio, mas especialmente a revista *Realidade*, ajudaram a fortalecer o vínculo de autoria no jornalismo brasileiro, a partir da década de 1960. Esse marco fez sobressair o jornalismo de autor, uma característica fundamentalmente notada no que se chama aqui de jornalismo de bordas, onde as marcas autorais são sensíveis. A valorização do personagem e da observação participativa nesse tipo de reportagem faz reavivar a necessidade de se buscar a autoria pelas próprias características da narrativa.

Mas a contribuição mais concreta que este trabalho pode trazer aos estudos do jornalismo trata de um novo conceito, o de jornalismo de bordas. O termo refere-se a um processo jornalístico adotado por alguns profissionais em todas as fases de captação e concepção da reportagem. Esse processo privilegia o enfoque nas bordas e franjas da

sociedade, concedendo ênfase em personagens desvalidos, em especial os pobres e miseráveis, normalmente excluídos das pautas do jornalismo tradicional. Estaria naquele espaço que Lotman (1999) chama de zonas fronteiriças da semiosfera, em que a permeabilidade com o que está em regiões subterrâneas de sentido acaba irrigando o processo como um todo.

Ao optar por utilizar em seus escritos personagens desgarrados da sociedade, João Antônio fortaleceu o jornalismo de bordas no Brasil. Do ponto de vista da narrativa, esse jornalismo é transgressor de processos. Em dois níveis de narrativas propostas por Genette (1995), e lembradas por Resende (2009), está o da narrativa como discurso e o da narrativa como narração. Ambos são importantes para também entender o processo produtivo e transgressor dos textos de João Antônio. Na narrativa jornalística há uma forma autoritária de narrar histórias que se mantém e, de certa forma, velada. Envoltas no real e na verdade como referentes, o discurso jornalístico traz a imparcialidade e a objetividade como elementos que operam sentidos, colocando à disposição do jornalista escassos recursos com os quais narrar os fatos cotidianos.

A proposta de Resende por uma narrativa em processo se encaixa no processo de João Antônio e de suas transgressões, porque cria uma dialogia necessária. João Antônio, em seu jornalismo de bordas, tece seu texto trazendo o leitor para próximo do fato, com um discurso indireto que confere a certeza de que alguém observa a cena e a transforma em história. Olha, observa e conta em detalhes o que se passa. Há, portanto, uma troca de olhares entre aquele que conta e aquele que lê. Gestos que fazem refletir o processo dialógico inerente aos enunciados, fortalecendo a dialogia do ato jornalístico. Gestos transgressores aos padrões burocráticos firmados nas rotinas de redação. Gestos que partem de um sujeito real, o jornalista, que, por estar no mundo e, portanto, com o outro, escreve sobre o que vê. Como bem define Stam (1992): “O autor (...), como o eu concebido por Bakhtin, não é entidade estática, mas uma energia disponível, que existe em interação com outros eus e personagens.”

Bibliografia

AGEE, James e EVANS, Walker. **Let Us Now Praise Famous Men**. Boston: Houghton Mifflin, 1939.

ANTÔNIO, João. **No Morro da Geadá, in Zicartola e Que Tudo Mais Vá Para o Inferno!** São Paulo: Scipione, 1991.

ANTÔNIO, João. “Paulo Melado do Chapéu Mangueira Serralho”, in **Dedo-Duro**. Rio de Janeiro: Record, 1982.

ANTÔNIO, João. **Lambões da Caçarola**, Porto Alegre: LP&M, 1977.

ARROYO, Julio. **Bordas e Espaço Público. Fronteiras Internas na Cidade Contemporânea**. Revista Eletrônica de Arquitetura – Arquitectos. Periódico mensal de arquitetura. Fevereiro 2012. www.vitruvius.com.br/arquitectos.asp

CERTEAU, Michel de. **El Lugar del Outro**. Buenos Aires: Katz Editores, 2007.

DELGADO, Manuel. **El Animal Público**. Barcelona: Anagrama, 1999.

DELEUZE, Gilles y GUATTARI, Félix (1980). **Mil Mesetas. Capitalismo y Esquizofrenia**. Valencia: Pre-textos, 1997.

DERRIDA, Jacques. **A Farmácia de Platão**. São Paulo: Iluminuras, 1991.

DERRIDA, Jacques. “The Law of Genre”. **Critical Inquiry**. Autumn, vol 7, nº 81, 1980.

FARO, J.S. **Revista Realidade 1966-1968: Tempo da Reportagem na Imprensa Brasileira**. Canoas: Editora Ulbra/AGE, 1999.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Heterônimos e Cultura das Bordas: Rubens Lucchetti**. São Paulo: Revista USP, n. 4, p. 169-174, dez.1989/jan.-fev. 1990.

GENETTE, Gerard. **Palimpsestos - A Literatura de Segunda Mão**. Extratos traduzidos por Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2006.

_____. **Discurso da Narrativa**. Lisboa: Veja, 1995.

HENN, Ronaldo. **Os fluxos da Notícia**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

_____. **Pauta e Notícia**. Canoas: Editora da Ulbra, 1996.

_____ **Jornalismo Como Semiótica da Realidade Social.** São Paulo: XVII Encontro da Compós. São Paulo: 2008.

JORGE, Franklin. “Os escritores e o Jornalismo”. In: **Jornalismo e Literatura – A Sedução pela Palavra.** São Paulo: Escrituras, 2002.

LACERDA, Rodrigo. **João Antônio: Uma Biografia Literária.** Tese de doutorado, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2006.

LOTMAN, Yuri. **Cultura y explosión, Lo previsible en los procesos de cambio social.** Barcelona: Gedisa Editorial, 1999.

MEDISTCH, Eduardo. **O Conhecimento do Jornalismo.** Florianópolis: Editora da UFSC, 1992.

MEYER, M. **Linguagem e Literatura.** Lisboa: Usus Editora, 1994.

MOREIRA, Roberto S.C. **A Revista Realidade e o Processo Cultural Brasileiro dos Anos 60, in Estudos de Sociologia da Cultura,** www.sol.unb.br/roberto/texto2.htm, 2000.

PONTE, Cristina. **Leituras da Notícia: Contributos Para Uma Análise do Discurso Jornalístico.** Lisboa: Horizonte, 2004.

RIIS, Jacob. **How the Other Half Lives: Studies among the Tenements of New York.** New York: Charles Scribner's Sons, 1890.

RESENDE, Fernando. **O Jornalismo e Suas Narrativas: As Brechas do Discurso e as Possibilidades de Encontro.** São Paulo: PUC-SP, 2009. .

STAM, R. **Bakhtin: da Teoria Literária à Cultura de Massa.** São Paulo: Ática, 1992.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo – Porque as Notícias São Como São.** Florianópolis: Insular, 2004.

TUCHMAN, Gaye. **La Producción de la Noticia – Estudio Sobre la Construcción de la Realidad.** Barcelona: Gustavo Gili, 1983.

VAN DIJK, Teun. **La Ciência del Texto.** Barcelona/Buenos Aires: Paidós, 1983.

_____ **A Notícia como Discurso.** Barcelona: Paidós, 1990.

WOLFE, Tom. **The New Journalism.** Nova York: Harper & Row, 1973.